

ciência e cultura nos trópicos

gilberto barbosa salgado¹

RESUMO

Esse artigo apresenta uma visão crítica e autobiográfica sobre as políticas científicas e de extensão desenvolvidas no Núcleo de estudos Estratégicos da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Indicadores sociais, políticas públicas, estudos de mídia, cultura política e, último, mas não menos importante, o mercado, são alguns dos temas trabalhados.

ABSTRACT

This article presents a critical and self-biographical view about the scientific and the extensional politics developments in Strategic Study Group of Federal University of Juiz de Fora, Brazil (UFJF). Social indicators, public policies, media studies, political culture and, last but not least, the market, are some of themes worked.

PALAVRAS-CHAVE:

políticas de extensão, indicadores sociais, políticas públicas, estudos midiáticos, mercado.

KEYWORDS:

extensional policies, social indicators, public policies, media studies, market.

1 - PALAVRAS DE ABERTURA

Esse artigo tem por objetivo primordial apresentar, de forma sintética, a experiência do autor em projetos de extensão, interligados ou não a projetos de pesquisa, desenvolvidos ao longo de mais de duas décadas como professor e pesquisador da Universidade Federal de Juiz de Fora, em especial através do núcleo de pesquisas do qual é um dos coordenadores (Núcleo de Estudos Estratégicos, www.nee.ufjf.br). É forçoso esclarecer que essas atividades ou foram estimuladas pelas administrações sucessivas da UFJF, dentro do conhecido, ainda que sem unanimidade, tripé 'ensino-pesquisa-extensão', como de resto por inúmeras universidades brasileiras, ou realizadas com o objetivo de complementar renda para os professores, tendo em vista a grave crise salarial pela qual passaram os pesquisadores e professores das universidades federais – da qual ainda não se recuperaram – como também o viveram diversas categorias profissionais, sobretudo no decênio de 90 do século passado. Por conseguinte, esse artigo apresenta, não obstante, leve tom confessional justaposto aos já referidos estímulos mencionados, ao relatar seus pontos positivos e negativos. Portanto, o leitor deverá relevar passagens que julgue um tanto quanto auto-indulgentes, pois

Foto: Arquivo Pessoal



GILBERTO BARBOSA SALGADO

¹Prof. da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), onde é prof. e pesquisador dos Mestrados em Ciências Sociais e em Psicologia e um dos coordenadores do Núcleo de Estudos Estratégicos (www.nee.ufjf.br); Doutor em Comunicação e Cultura (UFRJ) e Mestre em Sociologia (IUPERJ), é graduado em Ciências Sociais e em Psicologia e Psicanalista pela AFP-RJ. Também é membro do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos (EBEP), filiada à francesa Espace Analytique. Seu mais recente livro é "Fabulação e Fantasia – O Impacto da Hipermídia no Universo Simbólico do Leitor" (Ed.UFJF, 2006).

é um relato, ou descritivas demais, conquanto que, como mencionado acima, as críticas e obstáculos aparecerão na conclusão.

A essa introdução seguir-se-ão quatro partes e uma conclusão: uma primeira versará sobre a experiência com indicadores sociais e políticas públicas, recebendo, pois, o subtítulo de "Espaços Públicos e Sociais". Uma segunda, intitulada "Esfera Pública Política", esmiuçar a práxis desenvolvida junto à mídia e seus congêneres. Uma terceira buscará enfatizar as relações de extensão estabelecidas com o mercado ("Espaços Privados e o Mercado"), enquanto que, uma quarta parte ("Ciência e Cultura"), tratará de aspectos concernentes à ciência e a cultura. Uma conclusão propositiva e analítica, detalhando vantagens, desvantagens, pontos positivos e negativos, obstáculos, potenciais, e certos efeitos perversos em algumas "sinecuras acadêmicas" encerrará o mesmo, acompanhada, naturalmente, de bibliografia direta ou indiretamente mencionada. ■

2 - ESPAÇOS PÚBLICOS E SOCIAIS

Esta seção será denominada com o título acima por concentrar, fundamentalmente, o trabalho realizado com indicadores sociais e políticas públicas – primeiro subconjunto de exposições – e com cultura política – segundo subconjunto.

A experiência acumulada como entrevistador de campo e recenseador do IBGE ainda quando estudante de Ciências Sociais e de Psicologia propiciou, quando do ingresso no programa de mestrado em Sociologia no IUPERJ, a busca por experiências acadêmicas que consolidassem segurança para a atividade de consultoria em sociologia urbana e indicadores sociais, – o que chega a ser até irônico, se for observado que a banalização das expressões "consultoria" e "consultores", empregada até por vendedores de cosméticos – bem como por revelar uma saudável prudência se comparado à competição globalizada no mercado, que atinge o léxico também. Corria o ano de 1990, e, estendido a 1991 e 1992, a atividade como consultor de indicadores sociais iniciou-se no Plano Diretor das cidades de Santos Dumont, Cataguases, Leopoldina e Juiz de Fora, em Minas Gerais, e Santo Antônio de Pádua, Aperibé e Miracema, no estado do Rio de Janeiro. Essa experiência propiciou o contato com equipes multidisciplinares e uma reflexão transdisciplinar² que teve início e nunca mais abandonou o tipo de abordagem acadêmica realizada. O contato travado nas equipes ocorreu com engenheiros e arquitetos, na elaboração e concepção, com pedagogos e assistentes sociais, no que diz respeito a interfaces na abordagem, e, mais proximamente, com um advogado, um economista, um psicólogo e um cientista político. A atividade realizada foi,

em um primeiro momento, atualizar rapidamente os dados do censo do IBGE,³ coordenar e supervisionar a prospecção de dados, elaborar questionários e roteiros de entrevistas e, por fim, analisá-los em equipe, redigir relatórios, sugerir projetos de leis a partir das Leis Orgânicas desses Municípios⁴ – elaboradas dentro dos projetos dos Planos Diretores, exceção feita a Juiz de Fora – e apresentá-las publicamente em sessão solene e pública das câmaras municipais. Atuação rica, geradora de polivalências de aprendizados, deixou um curioso pormenor: exceção feita a Juiz de Fora, as Constituições (leis orgânicas) dos referidos Municípios foram confeccionadas qual linha de montagem, para não dizer por cópia. A crítica desse fato e as conseqüentes sugestões de legislações interligadas às políticas governamentais, públicas, sociais e urbanas propiciaram um aprendizado: o quanto os cientistas sociais podem explorar, em todos os sentidos, na interface entre procedimentos jurídico-legais e políticas públicas e sociais.

As atividades descritas acima culminaram na elaboração, em todas as etapas, do "Projeto Banco de Dados Municipal" (1992/1993), sob os auspícios do Centro de Pesquisas Sociais da UFJF e da Prefeitura de Juiz de Fora.⁵ Consistia em coordenar uma equipe de três técnicos e dezesseis estudantes de Ciências Sociais e de Economia, no levantamento de dados sobre a cidade, nas mais diferenciadas instituições públicas e privadas, com atualização permanente e publicação anual. Esses dados eram cadastrados, armazenados, confeccionados sob a forma de tabelas e quadros, digitados eletronicamente, e publicados em um "Anuário Estatístico de Juiz de Fora". De um conjunto de 96 variáveis e temas, expandiu-se até ultrapassar 250 das mesmas. O projeto encontra-se hoje sob os auspícios da PROPESQ/UFJF e é um case de sucesso: dois de seus estagiários exportaram-no para Muriaé e Barbacena (a idéia inicial era atingir 20 cidades, em seqüência), o referido Anuário é publicado anual e ininterruptamente até hoje, diversos trabalhos de bacharelado de estudantes analisaram as séries históricas,⁶ e, ainda gerou, como frutos, dois outros projetos, "Dimensionamento da PEA e da População Ocupada em Juiz de Fora"⁷ (1994) e "Diagnóstico Social de Juiz de Fora" (1995), sempre em convênio (UFJF/Prefeitura de Juiz de Fora), o que tornou natural, somada a participação no Plano Diretor anterior, integrar a equipe de diagnósticos e a de prognósticos⁸ do Plano Estratégico de Juiz de Fora (1997/1999), segunda fase de levantamentos técnicos na história recente da cidade, inspirada no modelo de Barcelona.

Todo esse conjunto de atividades de extensão e de pesquisa⁹ dotou o autor de enorme segurança para coordenar projetos de pesquisa, executá-los, supervisionar a coleta de dados, e analisá-los, sempre com a justaposição de metodo-

²No sentido a que se refere Renato Ortiz (ver Rugai et alii, 2006).

³Que era de 1980 e o seguinte foi realizado apenas em 1991.

⁴Uma importante exigência da Carta de 1988.

⁵Na gestão do prof. Rubem Barboza Filho, a mais inovadora e criativa na história do referido órgão.

⁶Embora ainda sejam pequenas as análises e a "massa crítica" produzida sobre os mesmos.

⁷Um economista auxiliou nesse trabalho. O autor desse artigo permaneceu na coordenação do projeto "Banco de Dados Municipal" de 1992 a 1997.

⁸Diferentes e multidisciplinares.

⁹Que efetuou a felicidade de conjugar-las, algo então raro, nacionalmente.

¹⁰Ver, para tal, a entrevista do prof. José Vicente Tavares dos Santos (UFRGS) em Rugai et alii (2006).

logias quantitativas e qualitativas, mesmo que, hodiernamente, seja mais correto tratá-las por metodologias informacionais,¹⁰ devido à diluição das fronteiras quanti-quali, na utilização das técnicas e de softwares como o SPSS e o N Vivo. Deste modo, com apoio direto e indireto do Sindicato Nacional dos Editores de Livro (SNEL) e da Câmara Brasileira do Livro (CBL) e financiamento do CNPq, o trabalho "Perfil da Indústria Editorial no Brasil" (1994) entrevistou executivos de editoras no Brasil inteiro, resultando na dissertação de mestrado em Sociologia do autor, intitulada "O Imaginário em Movimento – Crescimento e Expansão da Indústria Editorial no Brasil 1960-1994" (IUPERJ, 1995), assim como no manejo das mesmas metodologias e técnicas na pesquisa sobre o leitor brasileiro, que resultou na tese de doutoramento em Comunicação e Cultura (UFRJ, 2002), publicada com o título "Fabulação e Fantasia – O Impacto da Hipermídia no Universo Simbólico do Leitor" (Ed. da UFJF, 2006).¹¹ Não obstante, resultou nas seguintes experiências de ensino em pós-graduações lato sensu: criação, com um grupo de professores, da especialização em "Planejamento e Gestão Social" (UFJF, 1998), especialização essa que já formou 11 turmas consecutivas em 10 anos e mais de 270 especialistas de Juiz de Fora e região (Minas Gerais e Rio de Janeiro), caminhando, no momento, para o primeiro livro;¹² atividades de ensino ministrando disciplinas em demais especializações da UFJF, casos das especializações em Saúde Coletiva (disciplina Metodologia Quantitativa e Qualitativa), em Comunicação (disciplina Metodologias Informacionais); Psicologia do Desenvolvimento (disciplina Políticas Públicas de Saúde); Estado e Sociedade (disciplina Sociologia Brasileira Contemporânea), e ainda, Ciências Humanas e Saúde (disciplina Teorias Sócio-Políticas da Saúde);¹³ por fim, experiência já encerrada, através de convênios de ensino, da oportunidade de lecionar nas pós-graduações da Faculdade Machado Sobrinho.¹⁴

Na atualidade, o aprendizado descrito anteriormente baliza os projetos, simultaneamente de pesquisa e de extensão,¹⁵ "Mídia e Políticas Públicas", que envolveu sete acadêmicos de graduação e dois de mestrado, e "Indicadores Sociais em Saúde Pública" (cinco acadêmicos de graduação e três de especializações), que, encerradas as etapas de pesquisa, iniciaram a etapa de extensão, pela construção de um amplo banco de dados no Núcleo de Estudos Estratégicos (NEE/UFJF)¹⁶ e a ambição de elaborar uma Rede Sócio-Técnica que busque patente e propriedade autoral e industrial. Os acúmulos de informações, – teóricas, técnicas, e práticas – no referido núcleo engendraram um raro encontro entre pesquisa e extensão, muito almejado e pouco alcançado pelos pesquisadores, que permite, nesse momento, o desenvolvimento de projetos como "Pesquisa de Vitimização em Juiz de Fora e Região" e "Diag-

nóstico da Criminalidade em Juiz de Fora", em conjunto com o professor e pesquisador André Moysés Gaio,¹⁷ estudioso de longa data da temática, sendo, o último projeto, apoiado e financiado pela Secretaria de Estado de Defesa Social (SEDS/UFJF).

Um último ponto concernente a essa seção, refere-se à cultura política, cultura cívica e eleições, em projetos sucessivos desde 1996, desenvolvidos em Juiz de Fora e dezenas de municípios dos estados de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. Deste modo, foram realizadas pesquisas de cultura política e pesquisas eleitorais em todos os pleitos, de 1996 à presente data, ou no período pré-eleitoral, ou durante o processo. Quando envolviam cultura política o Núcleo de Estudos Estratégicos da UFJF conveniava-se a órgãos de imprensa e, quando político-eleitorais, a empresas de pesquisa.¹⁸ Ao longo desse período mais de 150 Municípios de Minas Gerais e cerca de 40 do Rio de Janeiro foram investigados, além de dois surveys em todo o Estado de Minas Gerais e um no Estado no Rio de Janeiro. Fundamentalmente, o trabalho se desenvolveu junto às assessorias de comunicação e os publicitários, calçando o planejamento de marketing com informação. Para esses é indiferente se o trabalho é efetuado por um núcleo de pesquisas de uma universidade ou uma empresa, já que a preocupação é garantir a presença dos professores e pesquisadores, devido ao know-how técnico, na execução dos trabalhos, visto que, via de regra, a experiência daqueles com empresas juniores tem sido criticada, por prática de dumping, ou supervisão e elaboração deficiente. Essa a diferença marcante da prática dos publicitários para a dos empresários, que preferem utilizar as universidades como griffe, como se perceberá na quarta seção. Retornando ao exposto, para o desenho do trabalho, são realizadas diversas metodologias e técnicas, quantitativas e qualitativas, como surveys, pesquisas do tipo painel, grupos de foco e entrevistas de profundidade, sendo necessário organizar e acompanhar as etapas de: a) elaboração do questionário ou roteiros de entrevistas; b) pré-testes e treinamento de entrevistadores; c) logística do trabalho de campo; d) supervisão ou treinamento dos supervisores da coleta de dados; e) supervisão da tabulação e da checagem; e) análises iniciais; f) cruzamentos e clusters de dados e informações; g) análises aprofundadas; h) elaboração de relatórios e súmulas executivas; i) apresentação oral e por escrito dos resultados. Esse trabalho torna-se um tanto quanto cansativo quando ainda é necessário, na fase inicial, redigir propostas e projetos, e, durante e a posteriori, acompanhar a tramitação burocrática junto aos órgãos gestores e à fundação de desenvolvimento e fomento da pesquisa e da extensão – FADEPE. Essas nuances acabam por retirar tempo do professor e pesquisador da pesquisa científica, sendo algo que deveria ser objeto

¹¹Embora pudesse se valer, buscando "atalhos", da experiência dos projetos descritos, o autor, na contramão, procurou estabelecer dissertação de mestrado e tese de doutoramento que manejassem objetos e temas que eram de sua preocupação há vários anos, realizando, assim, "teses do coração" e não "teses das oportunidades".

¹²Nessa especialização o autor leciona disciplinas sobre "Sociologia das Organizações" e "Gestão de Projetos".

¹³Atividades ininterruptas de 2000 até a presente data.

¹⁴Disciplinas "Cultura Organizacional" e "Pesquisa de Marketing" para os cursos de "Gestão de Marketing", "Gestão Empresarial" e "Gestão de Recursos Humanos" (todas de 1992 a 2004).

¹⁵A parte de pesquisa desses dois projetos foi empreendida de 2004 a 2006, sob os auspícios da PROPEQ/UFJF, da FAPEMIG e do CNPq. Com a experiência nesses projetos o autor tornou-se consultor ad hoc da Prefeitura de Vitória-ES em projetos de extensão e de pesquisa e das Faculdades do grupo UNIPAC e do grupo DOCTUM, em Minas Gerais.

¹⁶Período a partir de 2007 até a presente data.

de reflexão, com o fito da simplificação nas etapas, já que a estrutura técnico-administrativa das universidades brasileiras é mais direcionada para os níveis de apoio básico ao ensino, do que à pesquisa e à extensão.

A próxima seção versará sobre a esfera pública, tendo como eixo axial a experiência do autor junto à mídia regional.

3 - ESFERA PÚBLICA POLÍTICA: A EXPERIÊNCIA COM A MÍDIA

Na feliz expressão de Habermas em seu "Direito e Democracia, vol.2" (1997: 57), a esfera pública inflexiona-se em uma esfera pública política, na qual a mídia ganha grandiloquente presença. Nessa seção, o relato circunscreve a prática exercida junto às mesmas.

Dentre os novos atores a atuar com forte presença junto ao mercado e a sociedade civil, consequentemente junto à esfera privada e a esfera pública, encontram-se os profissionais de marketing, que, em geral, trabalham com propaganda, publicidade, planejamento de mídia, posicionamento da marca, ou tudo isso junto. Esses atores, com crescente profissionalização e institucionalização em todos os setores, conduziram as empresas de mídia – rádios, jornais, televisões – a buscar densidade e acuidade nos dados técnicos de sua estrutura organizacional, ao lado das já profissionalizadas apurações das notícias. Sendo assim, a mídia passou a trabalhar, cada vez mais, com pesquisas de audiência, pesquisas de opinião pública, pesquisas organizacionais e de mercado, quantitativas e qualitativas, prescindindo de aguardar releases nacionais, ou resultados de pesquisas de institutos de abrangência nacional. Com efeito, a demanda regional aumentou. Esse é um nexo explicativo para a década de 1990.

Por conseguinte, a experiência com pesquisas de audiência foi efetuada junto a rádio Solar AM e FM, depois expandida junto às rádios Cidade FM e Transamérica FM, o que, por muito pouco, não prejudicou a reputação do autor junto à primeira, consoante que não foi possível realizar uma só pesquisa para todas as rádios AMs e FMs do mercado regional, já que elas não concordaram integralmente

em dividir os custos, bastante onerosos, dessa modalidade de pesquisas. Um fator adicional é que foi necessário quebrar a fórmula do cálculo do índice de audiência, e aplicar o modelo metodológico do IBOPE, que fazia pesquisas para outras rádios, até mesmo para confrontar os seus índices e shares. Era mister que, desta forma, os entrevistadores fossem a campo na mesma época. Tudo isso facilitou o cortejo dos dados, das metodologias e das técnicas de um dos mais tradicionais institutos de pesquisa do país.¹⁹ A pesquisa de audiência é essencial para os setores comerciais junto às agências de publicidade, e, portanto, seu trabalho é minucioso, detalhista ao extremo, de maneira que contar com profissional técnico, professor de universidade e com titulação, é vital para a referida comparação.

Para o jornal Tribuna de Minas, que, como a rádio Solar pertence ao mesmo grupo empresarial são realizadas,

sucessivamente desde 1996, pesquisas de avaliação junto aos assinantes e os leitores que adquirem os mesmos em bancas de jornais e revistas, pesquisas junto aos assinantes e de opinião pública. Além das tradicionais metodologias e técnicas de pesquisas quantitativas, foram testadas e aprovadas, ao longo desse, mais de um decênio de trabalhos, grupos de foco, pesquisas qualitativas com entrevistas de profundidade e com roteiro semi-estruturado e, afinal, metodologias informacionais mistas pelo método delphy e pela exploração da quantificação do qualitativo e da qualifi-

cação do quantitativo, com modelos hierárquicos, análises do discurso e do conteúdo, e análises fatoriais e indexicais. Todo o conjunto de trabalhos realizados, juntamente com a dissertação e a tese do autor, propiciou a redação de um artigo, com densa discussão metodológica, defendido na ANPOCS em 2003.²⁰

Como último ponto dessa seção, é importante mencionar a pesquisa Top of Mind, realizada a partir de metodologia norte-americana,²¹ realizada no Brasil também pelos jornais Zero Hora e Folha de São Paulo. Essa pesquisa configura um raro caso de solução de continuidade e constituição de série histórica, já que é efetuada desde

¹⁷O primeiro com três intervenções de campo, em 2002, 2004 e 2006, o segundo desenvolvido em 2007 e 2008.

¹⁸O trabalho era realizado como consultoria nas empresas de pesquisa social aplicada "Perfil Pesquisas" (de 1996 a 2006) e "Observatório – Análise e Informação" (a partir de 2007). Os órgãos de imprensa serão citados na próxima seção. Em poucas ocasiões o trabalho se desenvolveu com fundações ligadas a partidos políticos.

¹⁹O trabalho de pesquisas de audiência para a rádio Solar é realizado desde 1996 até hoje.

²⁰Ver indicação completa ao final, na bibliografia.

²¹Thomas Springfield foi o autor da idéia.

1997, anualmente, com mais de cem rubricas pesquisando as marcas mais lembradas pela população, nacionais, locais e regionais, em amostra representativa, como associação positiva da lembrança e das conjecturas cognitivas. O jornal divulga os resultados e realiza um evento, com nomes expressivos nacionalmente da publicidade, da mídia e do varejo, comentando os resultados. Um evento distribui premiações e troféus, e o autor tem a oportunidade de comentar as variações e as tendências, além das séries históricas. No entanto, a experiência não se reproduziu nas cidades próximas polarizadas por Juiz de Fora, mesmo as competitivas e dinâmicas economicamente, como se esperava, apesar de um teaser ter sido realizado em Muriaé, com um número menor de rubricas pesquisadas, sem, porém, a mesma repercussão. Ainda assim, permanece a idéia de multiplicar a pesquisa, espacial e temporalmente.²² Essa modalidade de pesquisa, divulgada publicamente em setembro, é sempre aguardada com expectativa pelo setor comercial, industrial e de serviços da região. A sua replicação em dezenas de cidades, como sempre se almejou, ainda está por ocorrer, como explicitado anteriormente, dependendo em parte da mídia desses Municípios, bem como a análise em densidade maior de suas séries históricas (mais de uma década) são merecedoras de maior detalhamento, conquanto que alguns trabalhos de conclusão de cursos de graduação já tenham utilizado parte de suas informações.

4 - ESPAÇOS PRIVADOS E O MERCADO

Entendendo-se o mercado como esfera essencialmente privada²³, a experiência de extensão realizada pelo autor envolveu, primordialmente, pesquisas de mercado como modalidade de pesquisas sociais aplicadas, mescladas com variáveis de opinião pública.

Uma série histórica de grande porte, que foi a campo ininterruptamente de 2000 a 2006, sob os auspícios da PROPEQ/FADEPE/UFJF, foi a pesquisa de Imagem e de Qualidade do Grupo Belgo (depois Belgo Arcelor, hoje Arcelor Mittal), cuja siderúrgica em Juiz de Fora é parte de um dos maiores grupos empresariais globalizados e transnacionais,²⁴ com o objetivo de qualificar a empresa nos indicadores do Prêmio Nacional de Qualidade e Produtividade (obtido em 2004 e 2005, em diferentes categorias) e efetuar o balanço social da empresa, a partir da noção de responsabilidade social. A ampla pesquisa envolveu equipe de dezenove pessoas,²⁵ consistindo em intervenções das seguintes modalidades: pesquisa de imagem (quantitativa e qualitativa) em Juiz de Fora e região, perfazendo mais de 1000 entrevistas, com amostra ponderada proporcionalmente à população e distribuição randômica das cotas; pesquisa de imagem (quantitativa e qualitativa) junto aos formadores de opinião pública; pesquisa de imagem

(quantitativa e qualitativa) junto aos gestores e participantes dos projetos sociais; diagnóstico de intervenção social em áreas carentes; e modelagem organizacional dos projetos sociais. Os relatórios de uma ampla pesquisa desse porte giraram em torno de quinhentas páginas, aumentando anualmente em função da análise de séries históricas. Infelizmente, drástica redução nos projetos sociais do grupo resultou em descontinuidade da pesquisa, após sete anos consecutivos, e a série histórica não mais se recuperará.²⁶

A memória organizacional, gestora e operacional, bem como a aprendizagem organizacional, adquirida no projeto supracitado, permitiram intervenções de pesquisa empírica bastante similar, ainda que com abrangência e “desenho” bem menor, todavia muitas vezes secundada por consultorias específicas em meses ou anos sucedâneos, nas instituições privadas Esdeva (empresa gráfica de grande porte, em 2002 e 2003); CBCC, em Santos Dumont (transformadora de carbureto de cálcio, em 2000); ASTRANSP (entidade que reúne as empresas de ônibus de Juiz de Fora, de 1996 a 2002); Prefeitura de Juiz de Fora (pesquisa de imagem e qualidade dos serviços públicos, 2001 e 2002) e a empresa de abastecimento de água da cidade (CESAMA, 2002 e 2003). Já para a GASMIG, empresa de gás subsidiária da CEMIG foi realizada ampla pesquisa qualitativa, com grupos de foco e entrevistas de profundidade, em 2002 e 2003, com o objetivo de sensibilizar e preparar populações de diversos bairros de Juiz de Fora, para as instalações e vias de condução subterrânea do gás doméstico e industrial não engarrafado.

Outra interessante experiência foi a arbitragem, através de pesquisa direcionada ao mercado imobiliário, de conflitos estabelecidos entre os empresários de empresas construtoras civis (reunidas em sindicato patronal) e os técnicos e consultores da Caixa Econômica Federal, em 2003, com o objetivo de aquilatar base de prestações para os imóveis financiados. O papel de arbitragem de números e estatísticas diferentes, expostos por ambos os contendores, exigiu alto refinamento analítico e muita percepção retórica, no ato público de exposição dos resultados escritos.

De uma maneira geral, o setor privado lida diferentemente com projetos de extensão envolvendo pesquisas sociais aplicadas, que setores públicos, sociais ou midiáticos. Não há muita preocupação sobre “como se está fazendo a pesquisa” (há muita confiança), nem excesso de debates prévios. A preocupação básica é se certificar dos profissionais competentes e legitimar qualquer divulgação ou difusão pública (vital para o setor) com a chancela da Universidade (UFJF).

A próxima seção, que antecede à conclusão, realizará inflexão semântica no relato: a prática do autor com ativida-

²² Inúmeros publicitários e professores de marketing e de administração utilizaram os resultados e as séries históricas da pesquisa, para apresentar cases em congressos, simpósios e reuniões internas.

²³ Essa distinção, aqui, é imprescindível, para que não se confunda com o sentido da expressão “privado”, em que são referidas categorias íntimas, pessoais, subjetivas.

²⁴ O chairman, ou P.D.G., como preferem os franceses, é um indiano e o grupo possui presença em dezenas de países.

²⁵ O autor desse artigo recebeu a colaboração, como participantes do projeto, de outros dois professores.

²⁶ Diga-se de passagem, há enorme dificuldade dos setores leigos não em compreender a importância de séries históricas, para análises, prognósticos e sugestões, mas em deixar de suspendê-los por motivos aparentemente urgentes (recursos financeiros, fusões, por exemplo). A série histórica deve sempre ser mantida em situação de dificuldades, dimensionando de forma menor a abrangência da intervenção empírica, com o fito de atender a redução de custos.

des editoriais será mencionada.

5 - CIÊNCIA E CULTURA: AS ATIVIDADES EDITORIAIS

Aparentemente, em que uma atividade editorial, concernente ainda por cima ao campo científico, acadêmico e cultural, relaciona-se com a extensão universitária? A resposta é simples: tudo. Explica-se: as editoras universitárias possuem dotação própria liliputiana se comparada a diversas outras atividades e órgãos setoriais das referidas universidades – e o caso da UFJF é comprobatório e emble-

“de uma maneira geral, o setor privado lida diferentemente com projetos de extensão envolvendo pesquisas sociais aplicadas, que setores públicos, sociais ou midiáticos, não há muita preocupação sobre “como se está fazendo a pesquisa” (há muita confiança), nem excesso de debates prévios. a preocupação básica é se certificar dos profissionais competentes e legitimar qualquer divulgação ou difusão pública [vital para o setor] com a chancela da universidade (ufjf).”

mático do aqui exposto – mais minúsculas ainda em universidades que durante decênios privilegiaram a graduação e o ensino, em detrimento da pesquisa, dos mestrados e doutorados (caso da UFJF, criada em 1960, estabelecida a partir de 1961, com campus nos anos 1970), investindo remotamente em pesquisa (impulso forte só a partir de 1985) e tardiamente em pós-graduação stricto sensu (a partir de 1999). Mesmo em universidades há muito consolidadas em termos de pesquisas e pós-graduações, as editoras vêm sofrendo interrupções ou descontinuidades em seus ciclos de composição de um fundo editorial, casos da EDUSP, Ed. da UNICAMP, Ed. da UNESP, Ed. da UnB, Ed. da UFRJ, Ed. da UFMG, Ed. da UFRGS, apenas para mencionar aquelas que acumularam extenso catálogo editorial de qualidade inquestionável. Não é diferente a situação de universidades periféricas ou semi-periféricas. Chega a ser pior, e sensibilizar suas administrações é tarefa árdua.

A convocação aos conselhos editoriais, por conseguinte, é cristalina: busquem recursos.²⁷ Pensar em marketing editorial, então, é obscura miragem. Por isso, editores de revistas científicas são obrigados a fazer projetos (de extensão, bem entendido), para carrear recursos das agências e fundações de fomento, ou até de fundações ligadas à iniciativa privada.

Ou ainda, cotizar publicações, ou buscar recursos em outros projetos (de extensão) ou nas especializações pagas (ensino). Dramático. E triste.

Por tentar, pois, “pensar grande”, a experiência do autor com atividades editoriais teve que considerar todos os processos descritos acima, e imaginar novos horizontes. Assim, depois de participar do conselho editorial da editora da UFJF (1995 a 1998) e da revista do Instituto de Ciências Humanas, Pánel de Humanas²⁸ (1993 e 1994), a experiência acumulada conduziu a duas outras iniciativas editoriais. Uma primeira, junto a uma associação de pesquisadores em Psicanálise, a Sociedade de Estudos Psicanalíticos de Juiz de Fora (SEP-JF).²⁹ Junto com colegas de uma co-irmã, a Associação Freudiana de Psicanálise do Rio de Janeiro (AFP-RJ),³⁰ editava-se, com descontinuidades e certo vezo amador, o boletim científico Acheronta. O boletim evoluiu para a revista Actas Freudianas, criada em 2006, da qual o autor pertence ao conselho editorial, foi co-editor e, recentemente, eleito editor a partir do ano de 2009. A primeira instituição, conveniada ao Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos (EBEP), que congrega notáveis pesquisadores da Psicanálise no Brasil, e é conveniada à internacional Espace Analytique, tem propiciado ricas trocas no âmbito das atividades editoriais. Permanece, no entanto, o sistema de cotizar iniciativas e a busca de editoras de médio porte para parte dos custos. Muito, todavia, se aprendeu nesse

²⁷ Isso quando a afirmação não vem acompanhada de um “não deixaremos de anunciar e divulgar na mídia”, ou “não diminuiremos recursos da garagem, ou do restaurante universitário”.

²⁸ Já extinta.

²⁹ O autor é fundador da instituição, criada em 1996. ³⁰ Onde realizou sua Formação Psicanalítica.

pormenor, para o exercício competitivo da criatividade, mas a revista *Actas Freudianas* parece que já reservou sua permanência, não sem acidentes de percurso, no cosmos editorial. Uma segunda iniciativa, a partir de 1999, também com discontinuidades, foi a revista eletrônica de Ciências Sociais, *Csonline*. Nesse caso, o apoio técnico foi realizado até 2004, com a atual participação no conselho editorial e como parecerista. A revista hoje é dirigida pelos mestrandos em Ciências Sociais da UFJF, e já foi saudada por um professor inglês como uma das melhores revistas eletrônicas da área no mundo.³¹

Atividades editoriais mais regulares, não sem percalços, têm sido realizadas nas revistas *Tempo e Presença* e *Teoria e Cultura*.³² A revista *Tempo e Presença*, publicação da ONG *Koinonia*, existente desde 1981 e com mais de 300 números, científicos e culturais, mas no formato magazine, propiciou a presença em conselho editorial e atividades de coedição. Foi possível constatar que, mesmo nesse momento favorável às O.N.G.s, essas possuem problemas de captação e prospecção de recursos. De fato, depois de mais de dois decênios, e para não sofrer discontinuidades, a revista evoluiu para o ambiente de rede, com formato eletrônico e digital. Entrementes, a busca por recursos não cessou. Essa publicação não será desconsolidada. A segunda revista, *Teoria e Cultura*, criada em 2005 e com números a partir de 2006, parece correr poucos riscos de descontinuidade, mas não de dificuldades nos recursos. É a revista do mestrado em Ciências Sociais da UFJF e o autor desse artigo é o editor. No momento presente é enorme a discussão sobre a tentativa administrativa, contra a vontade da diretora da editora da UFJF, de lograr as revistas à busca de recursos nos órgãos de fomento à pesquisa, suprimindo na totalidade a dotação de verbas por parte da Universidade. Novos projetos de extensão, com ênfase editorial, terão que ser criados. O padrão gráfico e editorial da Ed. da UFJF, já reconhecido em outras universidades e pela comunidade acadêmica, não pode, porém, sofrer alterações por conta das dificuldades, que, nesse caso, prometem ser mais da ordem burocrática do que de captação de recursos.

O autor desse artigo pertence, ainda, ao conselho editorial da revista eletrônica *Pesquisa em Psicologia*.³³ Nessa, contudo, ainda não foi convocado à estranha posição de produtor editorial, típico das editoras privadas, como nos casos mencionados. Assim, se essas empreitadas próprias da ciência e cultura nos trópicos naufragarem, há sempre a possibilidade, nas palavras de uma colega em tom de blague, de montar uma editora privada para competir no mercado editorial do país em que menos se lê na América Latina, de acordo com os dados da UNESCO.

6- CONSIDERAÇÕES DERRADEIRAS E PROVISÓRIAS: OBSTÁCULOS, POTENCIAIS E EFEITOS PERVERSOS

As potencialidades que mais se evidenciam na prática política de extensão, de acordo com a experiência acumulada pelo autor são: a) compreensão parcial por parte do empresariado de que as Universidades devem cobrar por prestações de serviços (parcial, porque sempre há a expectativa de que a taxa e os tributos serão menores); b) aceitação de que os serviços prestados pelas universidades são de alta qualidade, devido à mobilização de profissionais e técnicos altamente qualificados, embora essas instituições ainda sejam utilizadas, em maior grau, para legitimação da divulgação pública dos estudos contratados; c) aceitação entusiástica do trabalho conjunto pelos profissionais de marketing e publicidade (grandes “parceiros”, injustamente “olhados de lado” pela academia); d) presença total e respeitada dos profissionais e técnicos universitários na elaboração, execução, avaliação e trajetória de maturação (path dependency) das políticas públicas e das políticas sociais (ainda que nem sempre acompanhadas de uma compreensão acurada de todas essas etapas); e, last but not least, e) apoio, às vezes reticente, às vezes entusiástico da Universidade, em especial quando a atividade “gera recursos” para a instituição, embora a famosa “contrapartida” nunca seja previamente mencionada, necessitando, pois, de ser sempre negociada.

Dentre os obstáculos concernentes às atividades registram-se: a) a concorrência da iniciativa privada com prática de dumping e/ou sonegação fiscal; b) a concorrência desleal das empresas júnior de universidades públicas e de faculdades privadas (em alguns casos dentro do mesmo instituto); c) a heterogeneidade difusa na relação com as empresas júnior, isto é, ora leais e com quadros competentes, ora precariamente gerenciados; d) a necessidade do professor e do pesquisador universitário transformarem-se em “prospectores” de novos projetos, roubando tempo da pesquisa acadêmica, por razões diferenciadas e por vezes singelas, como a curiosidade do empresariado em conhecê-los, a esperança dos publicitários em uma “troca” criativa e inteligente de idéias, a desconfiança em discutir detalhes com técnico-administrativos e estudantes;³⁴ e) a taxa interna excessiva, para diferentes setores da universidade que, somadas à taxa e tributação externa, geram patamares de preços pouco competitivos e de difícil compreensão para os quadros não-pertencentes às universidades; f) a dificuldade extrema de inserir publicações como sucedâneos aos projetos, de forma que o professor-pesquisador muitas vezes realiza as atividades de extensão pouco interligadas ou mesmo descoladas de suas pesquisas de cunho mais acadêmico visando às publicações; g) a proibição ou enorme dificuldade (assinar contratos de prestação de serviços e congêneres) de contratar pessoal qualificado externo quando não há interesse ou qualificação interna;

³¹As publicações descritas no parágrafo encontram-se devidamente indexadas.

³²Ambas indexadas e com citações no sistema qualis de publicações científicas.

³³Revista editada por diversas universidades mineiras.

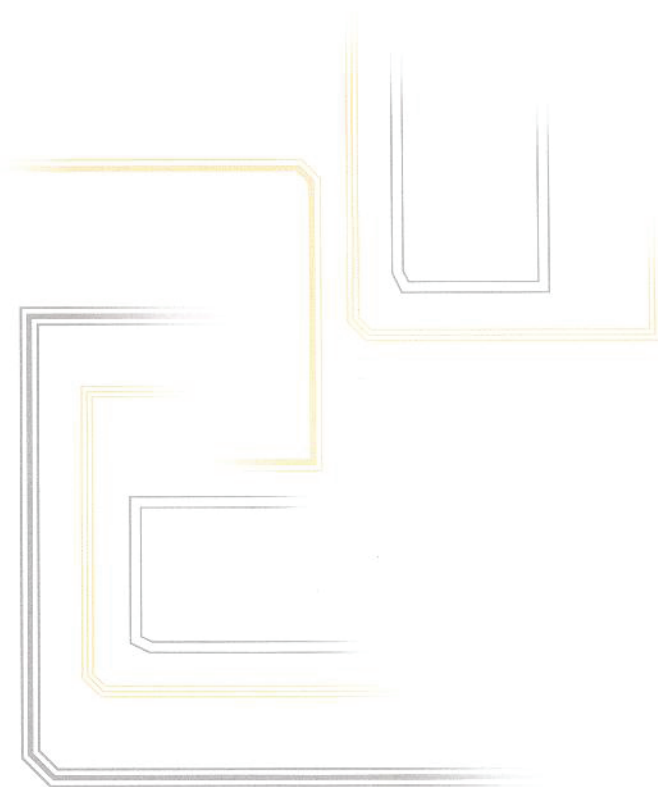
³⁴Nesse pormenor é sempre bom lembrar de Paul Lazarsfeld, o introdutor das pesquisas de audiência e eleitorais e criador do Escritório do Rádio, no decênio de 30 do século passado, para pesquisas nacionais coast to coast, baseadas em um centro de pesquisas universitárias em Princeton; EUA, de quem se dizia que era o “homem-escritório”.

h) a necessidade de escrever projetos para toda e qualquer atividade (comercialização de dados consolidados em um banco de dados com uma instituição financeira, por exemplo), bem como tramitá-los nas respectivas pró-reitorias de extensão e de pesquisa, além da fundação gestora (e aguardar a autorização dos três setores simultaneamente), o que, no mínimo, gera pura perda de tempo, exequibilidade e “praticidade”,³⁵ sem falar nas desconfianças quanto à celeridade dos prazos, assim como das necessidades espaciais e temporais dos atores que encomendam os trabalhos a serem efetuados, sejam na gestão de políticas públicas e de políticas sociais, sejam na mídia e na iniciativa privada³⁶ (bastariam, nesses casos, o preenchimento de um formulário detalhado de cerca de três páginas sobre proposta de trabalho, já que a confecção de projetos não é necessária para, diga-se, “tudo”). Claro que escrever projetos é fundamental; mas por vezes bastam propostas.

As mencionadas potencialidades e obstáculos, decerto, geram efeitos perversos, intencionais ou não.³⁷ Preocupantes, é necessário enumerá-los: 1) a burocratização excessiva, como aludida anteriormente, refere-se não somente a enorme “papelada” que envolvem as atividades de extensão, ou mesmo o já criticado procedimento de transformar todas as iniciativas em “projetos”, mas também aos numerosos “ritos de iniciação” que envolvem cada um dos projetos, tais como, tramitação nas pró-reitorias, fundações, departamentos e conselhos de unidade, o que pode, até, prejudicar o sigilo e a autoria de determinadas propostas;³⁸ 2) o corporativismo, chaga ainda presente, que transforma os discentes em permanente sofreguidão por “pesquisismo”³⁹ na busca de iniciação científica, onde atuam em patamar iniciante em projetos de finalização da maturação intelectual de docentes pesquisadores, ora buscando o estipêndio da bolsa, ora os “louros” curriculares, por vezes ambos, sem ao menos refletir epistemológica e ideologicamente, sobre temas e teorias que julgam relevantes; isso resulta, por conseguinte, em um tipo de aluno que busca a extensão por razões não confessadas, incapacitando-o para supervisionar colegas em trabalhos de campo devido ao *esprit de corps*, ou mesmo para efetuar rechechagens dos trabalhos empíricos (e a contratação de terceiros, como se observou, é dificultada); 3) clientelismo e paternalismo, que ocorrem com professores que utilizam as bolsas de extensão como “moeda” de troca e cooptação de estudantes, e mesmo de técnico-administrativos, muitas vezes envolvendo as políticas públicas e sociais que são prerrogativas do partido que administra circunstancialmente uma prefeitura, ou mesmo do grupo que está ou almeja o poder nas universidades públicas, sendo, pois, um efeito mais que perverso das eleições diretas com sufrágio universal ou paritário para reitores e demais cargos, mobilizando todos os níveis das atividades meio, fim e até mesmo terceirizadas nessas instituições, em um arcaico “jogo de interesses”; e, para encerrar, 4) o caciquismo e mandonismo, que ocorre com

professores que utilizam certas “sinecuras acadêmicas”⁴⁰ para “se eternizarem em cargos” e distribuírem benefícios aos discentes, desde que haja uma adesão irrestrita à sua corrente, partido ou conjunto de interesses, onde, no mais das vezes, a atuação mais forte destaca-se pela capacidade de “destruir” ou “obstaculizar” outras iniciativas criadoras, de docentes, discentes ou ambos, visando a malfadada reprodução simbólica de sua totemização prestigiosa, e não para a criação científica e cultural mais elevada – o resultado disso é uma “autofagia” e “fagocitose” permanente na ambiência arejada que deveriam ser os campi universitários.

Para concluir de fato, é preciso agradecer, na letra do texto, ao corpo editorial da revista *Dialogos* pela oportunidade, única talvez na trajetória intelectual do autor, de realizar pequena reminiscência científica e cultural de biografia menor. Em mais de duas décadas trabalhando com ensino, pesquisa e extensão, na graduação e na pós-graduação, ainda são possíveis as esperanças em tempos melhores.



³⁵ Expressão de qualidade duvidosa, consagrada pelo mercado.

³⁶ Lembrar, outrossim, que entidades privadas de pesquisas, ou mesmo do terceiro setor, como CEBRAP, CEDEC e IDESP surgiram com a finalidade, dentre tantas, de propiciar agilidade aos projetos.

³⁷ Com a liberdade da tolerância utiliza-se livremente, aqui, a expressão consagrada por Raymond Boudon.

³⁸ O autor já presenciou plágios descarados de projetos de terceiros, e quase foi vítima de um, pela necessidade imperiosa de “tudo” ser escrutinado pelo referendado inter pares. Com efeito, certo jornalista do caderno *Mais da Folha* de São Paulo, já observou, em mais de uma ocasião, o quanto o meio acadêmico é pródigo em maledicências, trapagens, cizânias e perfídias urdidas em corredores.

³⁹ A expressão é de Renato Lessa, in *Bomeny et alii* (Rio de Janeiro, Relume Dumará/Ed. UERJ, 1990).

⁴⁰ Na terminologia do saudoso Edmundo Campos Coelho em livro homólogo publicado pelo IUPERJ/Vértice em 1989.

Referências Bibliográficas

- BABBIE, Earl. (1999), Métodos de pesquisa de survey. Belo Horizonte, Ed. da UFMG.
- BASTOS, Elide Rugai et alii (orgs.). (2006), Conversas com sociólogos brasileiros. São Paulo. Ed. 34.
- BOMENY, Helena et alii (orgs.). (1990), As assim chamadas Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Ed. da UERJ/Relume Dumará.
- COELHO, Edmundo Campos. (1989), A sinecura acadêmica. Rio de Janeiro, IUPERJ/Vértice.
- FAIRCLOUGH, Norman. (1999), Discurso e mudança social. Brasília, Ed. da UnB.
- FOUCAULT, Michel. (2004), As palavras e as coisas. São Paulo, Martins Fontes.
- HABERMAS, Jurgen. (1997), Direito e democracia – vol.2. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- McDANIEL, Carl et alii. (2002), Pesquisa de marketing. São Paulo, Thomson.
- SALGADO, Gilberto Barbosa. (2007), "Esfera pública midiática na América Latina: uma interpretação com as categorias habermasianas" In: SOUZA, Jessé e MATTOS, Patrícia (orgs.). Teoria crítica no século XXI. São Paulo, Annablume.
- SALGADO, Gilberto Barbosa (org.). (2006b), Cultura e instituições sociais. Juiz de Fora, Ed. da UFJF.
- (2006a), Fabulação e fantasia – O impacto da hipermídia no universo simbólico do leitor. Juiz de Fora, Ed. da UFJF.
- (2005), "Políticas públicas de saúde: uma análise crítica", In: MOTA, Márcia Elia da. Psicologia – interfaces com a saúde e a educação. Juiz de Fora, Ed. da UFJF.
- (2003), "A Pesquisa na Rede", In: 27º Encontro anual da ANPOCS. Caxambu, ANPOCS, também disponível em www.nee.ufjf.br.
- (1996), Anuário estatístico de Juiz de Fora. Juiz de Fora, PROPESQ/UFJF.
- (1995), O Imaginário em movimento – Crescimento e expansão da indústria editorial no Brasil (1960-1994). Rio de Janeiro, IUPERJ, dissertação de mestrado em Sociologia.
- WORTHEN, Blane et alii. (2006), Avaliação de programas sociais. São Paulo, Gente..